



## SALVA(DOR) DO OUTRO? O PRINCÍPIO BIOÉTICO DA AUTONOMIA DOS DOADORES APARENTADOS CANDIDATOS AO TRANSPLANTE DE FÍGADO INTERVIVOS NO AMBULATÓRIO DE FILANTROPIA DO HOSPITAL SÍRIO LIBANÊS

Eixo Horizontal: EH1: ESPECIALIDADES MÉDICAS/CAMPOS DE ATUAÇÃO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Mayara Yasmim Pinto Borges; Thamires Wanke Alves Palma; Daniela Achette; Elizabete Akamine; João Seda Neto; Júlia Schmidt Maso; Rosely Glazer;

**Introdução:** O transplante de fígado intervivos surgiu visando suprimir a lacuna entre oferta e demanda de órgãos de doadores falecidos e vem tornando-se uma possibilidade efetiva de tratamento em doença hepática terminal, entretanto salienta-se a complexidade do procedimento e riscos envolvidos para o doador (Yuen et al 2018). Diante disso estudos levantam o questionamento ético de submeter uma pessoa saudável a um procedimento cirúrgico ameaçador da vida e/ou à mudanças nos seus hábitos (Weng et al, 2017). Nesse contexto a bioética propõe integrar o desejo do sujeito ao campo do social, mediando a autopreservação da vida e o ímpeto moral de salvar a de um outro (Batista, 2015). Essa consideração é necessária no processo da avaliação psicológica, transitando entre o saber técnico que sustentará um parecer sobre a aptidão do indivíduo, e o cuidado às demandas emocionais identificadas (Ferrazzo, 2014). **Objetivo:** Refletir sobre o princípio bioético da autonomia no processo de tomada de decisão do candidato a doador. **Método:**Relato de experiência a partir da vivência assistencial das psicólogas residentes, no processo de avaliação psicológica realizada com candidatos doadores a transplante hepático no ambulatório de filantropia. **Resultados/discussão:** Durante as avaliações psicológicas no que se refere aos discursos dos candidatos a doadores aparentados, observa-se uma posição altruísta e heroica frente à possibilidade de preservar e melhorar a qualidade de vida do receptor, em que a própria cicatriz referida frequentemente, como uma “marca do amor”, vem carregada simbolicamente por um crédito moral, que marca a eterna ligação entre doadores e receptores. Nesse sentido, os aspectos algicos, mudanças significativas no corpo, nos hábitos de vida, laborais e o risco da morte, são minimizados em contraponto ao desejo da doação, sendo justificado como ato de amor. Além disso, nota-se que o doador pode se perceber em um lugar de dicotomia, entre seu desejo e a responsabilização pela possibilidade de morte do outro, bem como pelo imperativo moral de consanguinidade. A existência da fila de transplante e a urgência clínica do receptor tornam a decisão de doar muitas vezes inquestionável pelo doador e equipe. Diante da ambivalência existente na motivação de doar, é imperativo considerar o princípio ético da autonomia envolvido no transplante hepático intervivos, não restringindo a avaliação psicológica a uma análise técnica de aptidão, mas também tendo como foco instrumentalizar o doador para assumir com maior segurança e autonomia sua decisão. Logo, se faz necessário que durante o processo da avaliação psicológica sejam elaboradas as possíveis dúvidas, receios, incertezas, crenças e fantasias frente à implicação do sujeito e o cuidado que envolve a decisão de doar, a valorização da própria vida, para além do lugar de salva(dor) do outro. **Considerações Finais:** Assim, o papel da psicologia se faz fundamental ao tentar favorecer a expressão da autonomia por meio da análise do nível de ciência que o doador apresenta sobre a complexidade do transplante, identificação da presença de transtornos psiquiátricos de base, detecção de pressões externas existentes e a oferta de um espaço de criticidade e responsabilização da sua escolha.